

Eu, meu cotidiano e a sensação cinematográfica em *Sophia*¹

Yasmim Raissa Silva PESSOA²

Lorraine Carla Silva MARTINS³

Lara Lima SATLER⁴

Universidade Federal de Goiás, Goiânia, GO

RESUMO

Nesse trabalho pretendemos discorrer sobre a possibilidade de se realizar um produto audiovisual a partir de um roteiro simples que se baseia em uma tríade temática: a subjetividade, a representação do cotidiano e também a sensação que o cinema causa no espectador. Essas três temáticas são discutidas ao longo do texto visando entender como o processo de construção do roteiro se deu e quais foram as impressões a partir da produção de um vídeo baseado nele. O roteiro *Sophia*, criado como parte do trabalho final para disciplina Aprendizagens Audiovisuais Cotidianas, é uma narrativa que nos instigou a pensar a produção audiovisual como capaz de se desvincular de formas e modelos estabelecidos pelo nosso imaginário de que acontecimentos que merecem ser contados são apenas os que são considerados espetaculares.

PALAVRAS-CHAVE: experimentação audiovisual; cotidiano; ficção da subjetividade; sensação do filme.

1 INTRODUÇÃO

Sophia é um roteiro de curta de ficção feito para a disciplina Aprendizagens Audiovisuais Cotidianas. Essa disciplina aberta para todos os cursos de graduação da Universidade Federal de Goiás enfatiza a experimentação na linguagem audiovisual explorando o tema cotidiano. Assim, lidando com alunos de diversas áreas do conhecimento, esse curso buscou incentivar uma maior autonomia dos estudantes com o audiovisual não tanto voltado para as questões técnicas, mas prezando uma reflexão acerca das infinitas maneiras de se utilizar e de se entender essa linguagem.

Dessa forma, com o objetivo de construir um trabalho final em audiovisual, nosso primeiro passo foi conceber uma pequena história de ficção que falasse do cinema da mesma forma que pudesse vir a ser cinema. A intenção de ir para a ficção, ainda que bastante voltadas para as nossas próprias experiências, pareceu a que mais se constituiria

¹ Trabalho submetido ao XX Prêmio Expocom 2013, na Categoria Cinema e Audiovisual, modalidade Roteiro de ficção (avulso ou seriado).

² Aluno líder do grupo e estudante do 5º. Semestre do Curso Comunicação Social, habilitação em Jornalismo, email: yasmim-pessoa@hotmail.com.

³ Estudante do 5º. Semestre do Curso Comunicação Social, habilitação em Jornalismo, email: lorraine_carla@hotmail.com.

⁴ Orientador do trabalho. Professor do Curso Comunicação Social, habilitação em Publicidade e Propaganda, email: satlerlara@gmail.com.

como um desafio que seria capaz de abarcar nossos anseios por lidar e controlar a narrativa, mas ainda assim tentar alcançar as imagens que a nossa imaginação propôs.

2 OBJETIVO

Experimentar a criação de um roteiro de ficção dentro de uma disciplina que explorou a categoria do cotidiano na linguagem audiovisual.

Ficcionar sobre nós mesmas por meio da história que nos propusemos a contar.

Expor a sensação causada pelo cinema como um sentimento construído pelos sentidos das imagens em movimento.

3 JUSTIFICATIVA

Durante toda a disciplina Aprendizagens Audiovisuais Cotidianas, tivemos contato com o audiovisual enquanto produto, enquanto linguagem para experimento e também enquanto tópicos de discussão de teorias e pontos de vista de diversos autores. Finalizar o curso usando a temática que falamos durante o semestre, utilizando ainda essa linguagem pelo qual começamos a ter contato, foi especialmente importante porque nos permitiu um exercício de olhar, que perpassou pela sensibilidade artística de se escrever um texto poético, e ainda nos utilizando de um olhar crítico adquirido pela nossa bagagem cultural e principalmente pelas aulas que tivemos dentro da disciplina.

O trabalho final proposto não foi influenciado por nenhum tipo de dispositivo dado pela nossa professora-orientadora. Pelo contrário, esse último trabalho foi totalmente livre a todos do curso. O resultado no dia da apresentação final foi bastante surpreendente e variado, da ficção ao documentário, de vídeos com características institucionais, jornalísticos ou artísticos, com ou sem trilha sonora, com câmera de celular, semiprofissional ou compacta. Os resultados foram muitos. Por isso, *Sophia* acabou sendo construído de uma maneira que conseguisse abarcar vários aspectos trabalhados e discutidos durante o curso e também com muito de nossos próprios desejos enquanto realizadoras inseridas em um mundo completamente cheio de imagens.

4 MÉTODOS E TÉCNICAS UTILIZADOS

Para gravar a sequência de cenas e chegarmos ao produto final - o curta *Sophia*, nós nos baseamos em um roteiro escrito e desenvolvido durante a disciplina e que inicialmente não tinha título. O roteiro que criamos tem um caráter exclusivamente experimental e não pretendíamos escrevê-lo levando em consideração um caráter profissional.

Dessa forma, para criar o roteiro *Sophia*, não nos utilizamos de uma técnica específica ou consciente de roteiro. A nossa intenção era deixar claro para nós mesmas como as imagens deveriam ser construídas para o momento da captação. Assim, escrever a ideia pareceu um passo simples, que se constituiria basicamente em escrever o texto que *Sophia* narraria e dar direcionamentos de como as cenas se constituiriam no decorrer desse texto narrativo central.

As cenas foram gravadas em algumas locações anteriormente escolhidas por nós, realizadoras do curta. Foram escolhidas três locações, o Campus II da Universidade Federal de Goiás, o Parque Lago das Rosas e o Teatro Goiânia. Todas as escolhas foram feitas porque obedeciam nossa própria rotina e os lugares que estaríamos no momento em que poderíamos captar imagens para o curta. Assim, não podemos dizer que saímos para filmar, mas que filmamos quando tivemos a oportunidade. Vale ressaltar também que foi utilizado para a gravação das cenas apenas uma câmera compacta da marca Cannon, o que exigiu um número de repetições considerável para que assim pudéssemos explorar algumas diferentes perspectivas de uma mesma ação. Após a captação, editamos o material no programa gratuito *Windows Movie Maker*, e o resultado foi um vídeo de três minutos e 39 segundos, contando também os créditos finais.

O áudio do curta *Sophia* foi quase todo adicionado em pós-produção. Nós utilizamos quatro músicas de uma mesma cantora, Emma Wallace, que as disponibiliza para *download* gratuito na internet, além da narração em *off* da única personagem. Em algumas cenas utilizamos o som ambiente, que foi colocado sem intenção prévia, mas sentida como enriquecedora para a narrativa no momento em que fomos editar as imagens. Nas demais, a história teve a sequência acompanhada pela narração e pelas músicas escolhidas propositalmente para embalar a narrativa que tinha como intenção ser delicada e subjetiva, mostrando de maneira simples o mundo particular de *Sophia*. O áudio da narração foi gravado no estúdio da Rádio Universitária da Universidade Federal de Goiás, UFG, e foi editado no programa *Audacity*, que também é disponibilizado gratuitamente na internet.

Durante a realização de *Sophia*, contamos apenas com uma atriz e uma *camerawoman*, que também realizavam todas as outras funções para a realização de um produto audiovisual. Usamos um computador pessoal para a edição das imagens e do áudio. Além disso, a câmera utilizada pertence ao Estúdio de Fotografia da Faculdade de Comunicação e Biblioteconomia da qual somos alunas. A direção do curta foi dividida

pelas duas realizadoras, e o figurino e os objetos utilizados em cena pertencem também às alunas.

5 DESCRIÇÃO DO PRODUTO OU PROCESSO

O pequeno roteiro de ficção que propusemos como trabalho final para a disciplina Aprendizagens Audiovisuais Cotidianas recebeu o título de *Sophia*. Sophia é o nome da única personagem dessa história, que, no centro de toda a narrativa, conta algumas de suas ações cotidianas para o espectador do filme por meio da voz *off*. A proposta da utilização da voz *off* foi uma escolha que nos pareceu natural por diversas questões, que passam pela nossa disponibilidade e capacidade técnica e que se sustentam em nossa experiência enquanto consumidoras de filmes.

Sophia é um roteiro que trata da subjetividade, do cotidiano e das pequenas fugas desse cotidiano, entendido nesse momento como constituinte de ações diárias e repetitivas e que podem vir a ser consideradas entediantes. A voz *off* aparece nesse contexto como capaz de suscitar a sensação de um mundo pessoal, íntimo e subjetivo que a personagem carrega e traz para o que será o produto audiovisual. No ponto de vista técnico, a voz *off* seria uma parte essencial para facilitar o processo de filmagem, uma vez que apenas duas pessoas cuidariam de todo o processo do filme, desde concepção do roteiro até as partes de produção, captação de imagens com apenas uma câmera compacta, direção, edição e também atuação. Entendemos que o áudio é uma parte importante da narrativa em audiovisual e pelas nossas limitações técnicas, a voz *off* funcionou como uma saída que supriria as necessidades de um produto com qualidade de áudio aceitável.

Assim, o roteiro toma forma completamente voltado para as falas em *off* da personagem Sophia. Esse monólogo íntimo de Sophia concebe imagens que realmente vão se dar no momento de captação do filme. A ideia principal era fazer com que as falas dela fossem materializadas nas imagens. Acreditamos que essa é outra característica desse trabalho que toca na parte do cotidiano de maneira interessante. A simples citação de ações diárias e culturalmente consideradas pouco importantes ou sem a relevância dada pelos meios de comunicação, que estão sempre à procura de acontecimentos de dimensões espetaculares, toma uma dimensão de interesse por esse pequeno mundo individual, mas ainda assim compartilhado e, portanto, político. Não há nada de espetacular na história de Sophia, mas a sensação de entendimento e reconhecimento entre o produto audiovisual concebido e o público é evidente, porque todos passam por questões historicamente consideradas pequenas.

Em sua dissertação, Souza (2009, p. 13), discorre sobre “a necessidade de se olhar para o cotidiano a partir da chave que preza pelo “histórico-original-significativo”, em vez de “quotidiano-banal-insignificante””. Isso quer dizer que devemos entender o “cotidiano como uma negociação de inserção social, política e histórica, tornando-se a base para a implementação de ações, sistemas de pensamento e construções de significados” (SOUZA, 2009, pp.13-14). Por isso, não devemos entender a temática do cotidiano como menor, ou banal, uma vez que ela também se constitui como parte da vida social e política e, portanto, como uma questão significativa e merecedora de discussão.

Contudo, *Sophia* é um roteiro que vai além de uma personagem que fala sobre sua subjetividade e seu cotidiano. A narrativa não deixa de falar de cinema e da sensação que o filme, exposto em uma tela branca de uma grande sala escura pode causar. No momento em que está no cinema, Sophia diz para o espectador que “lá” é o lugar em que ela consegue flutuar, e é também o lugar que ela se permite sentir. Mas o que ela sente não são sentimentos, mas sentidos, sentidos criados através dos símbolos das imagens em movimento que tão intensamente se propõe a assistir. Mesmo assim, Sophia fica extremamente tocada pela sensação que as imagens causam nela. A realidade cotidiana demora a voltar para ela, e a sensação trazida pelo filme consegue deixá-la entorpecida por algum momento, ainda sendo capaz de escutar e de sentir a experiência de sentidos que teve na sala de cinema. Machado (1997, p.43) comenta exatamente esse sentimento de entorpecimento deixado pela experiência fílmica, que demora a nos deixar:

Assim que deixamos a sala de exibição, levamos um tempo para nos conciliar com a vida externa. Entorpecidos, sonolentos, como se estivéssemos despertado de uma hipnose, não estamos aptos ainda a comentar o filme, pois nos encontramos demasiado mergulhados nele ou na sua situação. Se alguém nos observa de fora, pode perceber que denunciamos em nossa postura restos ou vestígios do que acabamos de viver psicologicamente na sala de cinema. Numa palavra, nossos gestos estão alterados, nosso corpo estranha a nova situação, caminhamos com aquela cara abobalhada de quem acabou de sair do cinema, e assim vamos até que a experiência do filme ceda perante as solicitações da realidade cotidiana.

O eu de Sophia é “capaz de esquecer as condições concretas e práticas da sessão de cinema para [se] colocar na condição de crer que o espetáculo do mundo se confunde, no tempo dessa sessão, com o próprio mundo” (COMOLLI, 2008, p. 192). Mas o cinema vai além para Sophia e é fácil perceber que a confusão de mundos para a personagem não dura apenas o tempo da sessão de cinema, ela transborda esse tempo. O roteiro *Sophia* trata

dessa extensão da experiência com as imagens, que vai além do mundo imaterial que é o audiovisual, e se estende para o mundo físico, o mundo real, e ainda consegue permanecer por um tempo até que o real finalmente tome conta outra vez das ações cotidianas.

Inevitavelmente, o roteiro, por seu caráter íntimo, fala de nós, estudantes de Comunicação que temos uma relação cotidiana, mas muito essencial, com as imagens técnicas, principalmente o audiovisual. Como estudantes de habilitação em Jornalismo, o contato que temos com a produção de conteúdo e sentido em texto e imagem na maioria das vezes se encontra no nível meramente informativo, voltado para a prática jornalística em sua formatação legitimadora, isto é, essencialmente objetiva, que busca uma neutralidade sempre envolta nas regras gerais e pouco questionadas do valor notícia. As diferenças e semelhanças entre o Cinema e o Jornalismo existem de uma maneira que são capazes de nos pungir a caminhar por esses dois mundos de um modo desafiador e instigante.

O que aproxima [o cinema] do jornalismo é o fato de que ele se refere ao mundo dos acontecimentos, dos fatos, das relações, elaborando, a partir deles ou com eles, as narrativas filmadas; e aquilo que o separa do jornalismo é o fato de que ele não dissimula, não nega, mas, ao contrário, afirma o seu gesto, que é o de reescrever os acontecimentos, as situações, os fatos, as relações em forma de narrativas, portanto, o de reescrever o mundo, mas do ponto de vista de um sujeito, escritura aqui e agora, narrativa precária e fragmentária, narrativa confessa e que faz dessa confissão seu próprio princípio. (COMOLLI, 2008, p. 174).

Esse roteiro foi, pois, uma maneira de, ainda utilizando algumas das referências que nos pungem para a narrativa e para o contar de uma história dentro do Jornalismo, escapar dos moldes que hoje servem como legitimadores dessa profissão. Tentamos mergulhar em nossas próprias singularidades e buscar nos expressar através dessas singularidades.

Sophia não apresenta as técnicas típicas dos roteiros da indústria cinematográfica, porque o interesse da disciplina para o qual ele foi construído não era ensinar fórmulas ou modelos para se criar um produto audiovisual bem-sucedido nos termos comerciais. *Sophia* é um roteiro de apenas uma lauda que traz questões que podem ser colocadas essencialmente em uma tríade de discussão, a questão do cotidiano, a subjetividade do eu, ou do nós, e a relação mundo do filme e mundo real que a experiência cinematográfica causa no espectador, isto é, causa em nós, consumidoras e produtoras de imagens.

6 CONSIDERAÇÕES

Por meio desse trabalho pudemos refletir sobre a transformação de um roteiro por nós idealizado em um produto audiovisual. Isso foi possível por meio da nossa ideia inicial de falarmos através da personagem Sophia a nossa relação com o cinema e de como as histórias criadas pelos roteiristas e realizadas por diretores de cinema fazem parte do nosso cotidiano e permeiam nossas ações e conversas, além de cumprirem seu objetivo inicial de nos levar a sentir as emoções dos personagens e nos identificar com eles, apesar de serem fictícios. Sophia é uma personagem peculiar que nos ajuda a refletir sobre nossos sentimentos em relação às histórias que permeiam nosso imaginário. Apesar de se tratar de ficção, os sentimentos que um filme pode causar em nós seres individuais são reais. Sentir é a única coisa que importa a Sophia e isso é muito real quando se tratando do seu mundo.

Durante toda a disciplina Aprendizagens Audiovisuais Cotidianas, fomos instigadas a pensar o audiovisual e a realizar nossas ideias a partir de vídeos simples que mostrassem um pouco daquilo que nos propusemos a criar. A partir das nossas pequenas experiências foi possível perceber que não é fácil transformar palavras em ações e por isso durante a escrita do roteiro buscamos pensá-lo como algo primeiramente realizável e que fizesse sentido para o público que fosse assisti-lo, mas que fizesse com que o público sentisse e pensasse nele depois da exibição, permanecendo no imaginário do espectador sem ser facilmente esquecido.

Por fim nos propomos a refletir e realizar algo que difere do que aprendemos como estudantes de Jornalismo. Durante todo o curso fomos ensinadas a pensar o audiovisual voltado para a realidade dos fatos de forma objetiva e imparcial, evitando interferências e subjetividade, sempre focando naquilo que é considerado relevante à sociedade nos moldes já estabelecidos de níveis de importância. Contudo, por meio desse produto, tivemos uma nova perspectiva em relação ao que pode ser relevante. Fazer com que o público sinta e entenda nossa mensagem foi importante no processo de construção do nosso produto. Por fim, trabalhar o audiovisual tratando de cotidiano e do banal em pequenas ações como ler um livro ou ir a cinema, ações essas executadas por Sophia, nos ajudou a considerar relevante também aspectos comuns da vida de qualquer pessoa, que no cinema sempre podem ganhar um ar mágico e poético.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

COMOLLI, J.L. **Ver e Poder – A Inocência Perdida: Cinema, televisão, ficção, documentário**. Minas Gerais: Ed. UFMG, 2008.

FREITAS, K. C. V. de. **Versos-livres: a estética do cotidiano no documentário feito com celular**. Campinas, SP: [s.n.], 2010.

MACHADO, A. **O Sujeito na Tela**. São Paulo: Ed. Paulus, 2007.

MACHADO, A. **Pré-cinemas e Pós-cinemas**. Campinas: Ed. Papyrus, 1997.

SOUZA, G. **Cultura, política e cotidiano: pilares de sustentação de um cinema periférico**. Revista da Associação Nacional dos Programas de Pós-Graduação em Comunicação E-compós, Brasília, v.12, n.2, maio/ago. 2009.